

A CONTRIBUIÇÃO DOS TEMAS INTERCULTURALIDADE E INCLUSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE TRÊS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO TRABALHO NO PIBID

Gabriela Nobre Bins ^[1]

Rita Audrey Farias Longhi ^[2]

Giane Schmaedeck Lara ^[3]

Roseli Belmonte Machado ^[4]

RESUMO

Esse trabalho é um relato da experiência de três professoras de Educação Física da rede pública municipal e estadual no município de Porto Alegre/RS que atuam como supervisoras do PIBID em relação ao trabalho com o tema interculturalidade. O PIBID/UFRGS, no Núcleo Educação Física, centra seus estudos e práticas na escola no tema "Interculturalidade e Inclusão", incentivando a formação de professores para a educação básica, bem como aproximando os estudantes de licenciatura da realidade das escolas públicas e das reflexões sobre interculturalidade e inclusão. No presente texto, o objetivo é narrar as experiências das supervisoras e o processo formativo que essa experiência tem proporcionado a cada uma, especialmente para aquelas que não estavam familiarizadas com os conceitos da educação intercultural e ou com a perspectiva da inclusão. Destacamos três pontos: a) a possibilidade de troca do coletivo de professoras da escola, do EEABI e as/os estudantes do PIBID; b) reflexões sobre as práticas pedagógicas realizadas no Pibid sob a perspectiva de uma educação inovadora e equitativa c) a especificidade do trabalho em uma escola de educação especial. Por fim, percebemos que a conexão entre universidade e escola pública a partir de temas expressivos como a interculturalidade proporciona a construção de uma educação que busque o diálogo entre as diferentes culturas, promovendo a valorização e o respeito à diversidade e a inclusão.

Palavras-chave: Pibid, Educação Física, Formação Docente, Interculturalidade, Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO



Esse artigo propõe a reflexão sobre o processo de formação docente entrelaçado com os temas da interculturalidade e da inclusão, através de um relato de experiência de três professoras de Educação Física da rede pública municipal e estadual de Porto Alegre que atuam como supervisoras do PIBID. Ao refletirmos sobre nossas experiências enquanto supervisoras, estamos refletindo sobre os processos de formação docente que nos atravessam e atravessam as/os estudantes bolsistas do PIBID que atuam em nossas escolas sob nossas supervisões. Ao evidenciarmos o tema da interculturalidade e da inclusão e suas inserções nas práticas pedagógicas da educação física escolar buscamos narrar como as aproximações com essas temáticas têm impactado no nosso processo formativo e a importância das reflexões sobre a diversidade e a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08.

A partir das transformações recentes no campo educacional brasileiro, especialmente com a ampliação de políticas voltadas à diversidade e à inclusão, a Educação Física escolar é convocada a repensar suas práticas. Nesse cenário, os temas da interculturalidade e da educação inclusiva emergem como elementos fundamentais para a construção de uma educação comprometida com a equidade e a justiça social.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política pública de iniciação à docência ligada ao Ministério da Educação (MEC) através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que iniciou no ano de 2007. O programa vem se configurando como importante investida para ampliar as ações institucionais de formação docente inicial e continuada em universidades do país. De acordo com informações do site da CAPES “o PIBID busca proporcionar a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica para os discentes dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior” (Brasil, 2024). O núcleo de Educação Física da UFRGS, que existe desde a primeira edição do programa, no edital CAPES 10/2024 faz a proposta de orientar seus estudos e práticas na escola no tema "Interculturalidade e Inclusão", abordando as Relações Étnico Raciais e os estudos em prol da inclusão de estudantes nomeados como público alvo da Educação Especial. São os eixos que sustentam as reflexões teóricas e as práticas pedagógicas nas três escolas parceiras, situadas no município de Porto Alegre/RS.

Em uma sociedade que é fruto de um processo de colonização e que ainda hoje vive sob a égide da colonialidade (Maldonado Torres, 2007), o preconceito racial segue como balizador das relações sociais. Portanto, a escola, que representa um microcosmo dessa sociedade, reflete suas contradições, diversidades e desigualdades. Na escola, diferentes sujeitos com histórias, corpos, identidades e culturas coexistem e interagem. É um espaço de



convivência, formação e socialização, onde diferentes culturas, histórias e realidades se encontram. Por isso, a importância da Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER), que visa combater o racismo estrutural e valorizar as matrizes africanas, afro-brasileiras e indígenas na educação básica, promovendo práticas pedagógicas antirracistas, desconstruindo preconceitos e garantindo o ensino de história e cultura desses povos, fundamentada pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Buscamos através da interculturalidade, fortalecer o trabalho com ERER e construir um caminho para uma educação antirracista nas aulas de educação física. A interculturalidade se fundamenta na convivência e no diálogo entre diferentes culturas de forma equitativa, buscando superar o etnocentrismo e o racismo estrutural presentes na sociedade e na escola. Segundo Walsh (2009), a interculturalidade crítica propõe não apenas o reconhecimento da diversidade cultural, mas também a transformação das estruturas de poder que marginalizam saberes e práticas não-hegemônicas. Sendo assim, entendemos a Educação Intercultural como o processo pedagógico que busca o diálogo e a valorização de diferentes culturas em nossas práticas pedagógicas, possibilitando trocas e construção de respeito e a visibilidade às diversidades culturais. Segundo Candau (2008, p. 2) a educação intercultural "aparece como uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica de construção social, política e educacional, sendo complexa por estar atravessada por desafios e tensões, tornando necessária a problematização das diferentes práticas sociais e educativas". Ao tematizar a interculturalidade como um eixo de reflexão no núcleo do PIBID da Educação Física da UFRGS o programa possibilita que estudantes e professoras supervisoras pautem a educação para as relações étnico raciais e busquem outras epistemologias para embasarem suas práticas pedagógicas, diversificando o olhar para a Educação Física.

Ademais, ao perspectivar uma atuação e uma reflexão na perspectiva de promover e debater uma educação física em prol da inclusão, nas mais diversas escolas, dos estudantes relacionados como público alvo da Educação especial, estamos promovendo uma prática que desloque o modelo médico para o modelo social da deficiência. Um modelo que não está mais centrado no sujeito, mas voltada à percepção de que é a sociedade quem deve propiciar o encontro positivo com a diferença. Nesse tensionamento, a escola e sua composição, destacando neste texto as diferentes docências e a atuação dos grupos do PIBID nas escolas, precisam atuar como interlocutores e promotores de práticas includentes. Tal prerrogativa é reforçada, legalmente, pelo atual decreto 12.686 de 20 de outubro de 2025 (Brasil, 2025), que institui a política nacional de educação especial inclusiva e a rede nacional de educação especial inclusiva. Como nos traz Chicon (2025), "a inclusão de todos/as alunos/as nas aulas



de Educação Física, a nosso ver, parece estar relacionada, predominantemente, com aspectos atitudinais e procedimentais” (p. 9). Para o autor, a atitude se relaciona com a construção da identidade profissional e o segundo é o caminho para atingir os objetivos, as escolhas metodológicas, as estratégias e os procedimentos didáticos que a docência escolher.

Diante dessas considerações, reafirma-se o compromisso, no núcleo de Educação Física do PIBID da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de constituir identidades profissionais de futuros/as docentes comprometidas/os com uma perspectiva de atuação inclusiva, perpassando e compreendendo os marcadores sociais da diferença como potência pedagógica e não como mecanismo para exclusão. Ao mesmo tempo, do compromisso deste núcleo de avançar e contribuir à construção de uma sociedade e uma escola comprometidas com a justiça social.

METODOLOGIA

O artigo é um relato de experiência, que se apoia como caminho metodológico na pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2011) e busca através da narrativa de três professoras supervisoras do PIBID do núcleo de Educação Física da UFRGS refletir sobre o percurso de formação docente entrelaçado às temáticas da interculturalidade e da inclusão. Apoiadas nos estudos de Tavares et all, acreditamos que “desta forma, ao narrar não apenas acessamos os significados produzidos, mas produzimos estes significados durante a própria narrativa, através de um processo interpretativo” (TAVARES et all, 2025, p. 6) o que nos permite olhar para nosso processo formativo de forma crítica.

Nesta construção metodológica, cada docente, através do acesso ao que nomeamos como Diários de Campo, acessam suas informações e revivem a empiria construída no percurso junto aos estudantes pibidianos, durante o ano letivo de 2025. As escolas-campo, dessa atuação, estão situadas no município de Porto Alegre/RS, sendo uma de Ensino Fundamental da rede municipal de Porto Alegre e localizada em bairro periférico da cidade; a outra é uma escola de Ensino Fundamental mantida pelo Estado do Rio Grande do Sul e situada em zona central da cidade; e, a terceira, uma Escola Especial regida pelo Estado do Rio Grande do Sul e, também, situada na zona central da capital gaúcha. Cada uma das três docentes, que emprestam a esta reflexão suas narrativas, atuam em cada uma dessas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A seguir, são apresentadas as experiências das docentes, materializadas em suas narrativas, destacando aquilo que constitui a cada uma, dentro de uma abordagem reflexiva da prática.

Na busca de epistemologias outras para embasar nossas práticas – ubuntu “eu sou porque nós somos”

A experiência como supervisora do PIBID tem sido uma oportunidade para refletir coletivamente com as/os estudantes sobre a importância de buscarmos outras epistemologias para embasar as práticas pedagógicas na educação física. Dividir os conhecimentos que venho acumulando ao longo de 21 anos pesquisando as questões étnico raciais e 25 anos de sala de aula na educação pública tem sido um processo de aprendizagem e formação docente.

Apoiadas na filosofia UBUNTU (Ngomane, 2024) que pressupõe a coletividade sobre a individualidade e se baseia na interconexão humana, partindo da premissa Umuntu ngumuntu ngabantu (eu sou porque nós somos) as professoras de educação física do turno da manhã da EMEF Deputado Victor Issler do município de Porto Alegre vêm construindo suas práticas pedagógicas coletivamente. A entrada de estudantes bolsistas do PIBID em nossa escola ampliou essa coletividade.

O processo de construção coletiva de planejamentos e ações pedagógicas é um processo de aprendizagens e formação docente constante, pois, nos faz refletir como diferentes modos de ser professoras podem compor e algumas vezes se contrapor para que possamos por em práticas projetos como os Jogos Indígenas da escola, os circuitos de Jogos e Brincadeiras africanas e afro-brasileira, as vivências Circenses e outras atividades que propomos coletivamente buscando romper com as caixas das turmas e anos ciclos dentro da escola. Ao participarem desses momentos e acompanharem as práticas pedagógicas das três professoras as/os estudantes bolsistas do PIBID vão percebendo diferentes formas de atuar frente às turmas e os conteúdos. Essas trocas constantes fortalecem o entendimento de que não existe uma forma única de se ser professora/r e a necessidade de buscarmos diferentes epistemologias para embasar nossos fazeres.

Incentivadas pelo EEABI[5] da nossa escola, temos trabalhado as práticas corporais indígenas e realizado os Jogos Indígenas da Victor Issler. Em 2025, as/os estudantes bolsistas o PIBID foram convocados a lerem o livro “Práticas Corporais Indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para a implementação da Lei nº 11.645/08 na Educação Física escolar” de autoria da professora Arliene Stephanie Menezes Pereira e, depois, escolherem uma prática corporal indígena para trabalharem nas turmas do turno da manhã. Além disso, as/os estudantes foram



convocados para participarem na organização dos jogos Indígenas da escola. A prática escolhida foi o jogo do Adugo, também conhecido como jogo da onça, de origem Guarani. Após ensinarem as turmas a jogar em tabuleiros construídos por elas/eles em material reciclável as/os estudantes bolsistas pintaram um tabuleiro gigante no pátio da escola e propuseram um jogo da onça onde as peças seriam as/os estudantes das turmas da escola. O processo de escolha do jogo, da construção dos tabuleiros e da intervenção com as turmas foi todo feito através do diálogo coletivo. Esse diálogo e o olhar dos graduandos sobre uma temática até então pouco conhecida por eles foi nos fazendo refletir como nossa escola tem avançado com o trabalho com as questões étnico raciais e a interculturalidade. Percebemos que a escola pode contribuir no processo formativo dessas/es estudantes não só a partir da experiência docente mas também fazendo-as/os olhar para a educação física a partir de outras epistemologias e referenciais. Pautadas pela interculturalidade buscamos uma prática pedagógica embasada na filosofia do Bem Viver (Bins, Dahlke e Abreu, 2024) e na filosofia Ubuntu (Bins, 2014) que nos permitiram construir esse olhar para uma Educação Física outra (Oliveira e Silva, 2022).

Reflexões sobre as práticas pedagógicas realizadas no PIBID sob a perspectiva de uma educação inovadora e equitativa

Uma educação intercultural para a inclusão garante a igualdade promovendo o respeito e a convivência com a diversidade, por meio do diálogo e da troca de experiências entre as diferentes culturas presentes na escola.

As atividades desenvolvidas pelo PIBID, tais como rodas de conversa, participação em eventos, confecção de diários de campo, palestras, apresentação de trabalhos, bem como o acompanhamento das aulas na escola contribuem para a aproximação dos acadêmicos ao contexto escolar, favorecendo a troca entre professores e bolsistas, além de ser um incentivo a construção de uma identidade docente de futuros profissionais da área de educação física. Porém, também é importante ressaltar a efetiva contribuição dessas práticas e da inserção de temas tão relevantes como a interculturalidade e a inclusão na nossa formação enquanto profissionais de educação física responsáveis pela supervisão dos participantes deste programa. “A perspectiva de formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário de cooperação, de colaboração, de convivência, do reconhecimento e do valor das diferenças, que marcam a multiplicidade, a natureza mutante de todos nós” (Mantoan, 2023).



Nesse contexto podemos destacar o quão significativas são as reflexões sobre as práticas pedagógicas enquanto subsídios para a busca de uma educação que procura trazer novas abordagens baseadas na inclusão e na interculturalidade tendo em vista uma educação onde os alunos tenham seus direitos garantidos e se busque uma aprendizagem significativa que valorize suas origens, sua ancestralidade, a comunidade onde está inserido, suas contribuições e experiências, enfim a sua singularidade dentro do coletivo.

Essa busca tem sido constante, enquanto educadora física que trabalha na rede pública há quase dezoito anos e que identifica a necessidade imprescindível de desconstruir a cultura eurocêntrica de esportivização nas escolas que marginaliza outras práticas culturais, buscando valorizar e respeitar a diversidade cultural bem como minimizar as desigualdades. O PIBID nos incentiva a seguirmos nesse processo que visa a decolonização da cultura corporal de movimento. Esse relato traz uma experiência enriquecedora que nos possibilita transformar e aperfeiçoar o fazer pedagógico, assim como construir bases sólidas para uma educação física equitativa e justa. A reflexão sobre as práticas pedagógicas no PIBID permite a superação de desafios metodológicos, a adaptação a um ambiente escasso de recursos e a inovação a partir de um planejamento crítico. Planejar é conhecer o aluno, ter intencionalidade e comprometimento com a proposta pedagógica visando garantir o ensino e aprendizagem do aluno, conseqüentemente seu desenvolvimento dentro de uma visão justa e inclusiva respeitando a sua individualidade e ao mesmo tempo valorizando a construção coletiva.

Durante esse período de participação como supervisora no PIBID, pude constatar o quanto é necessária a reflexão sobre a prática e como somos carentes de tempo e oportunidade no ambiente escolar para tal reflexão. Enquanto professores da rede pública de ensino somos responsáveis por inúmeras incumbências como planejamentos, reuniões, atividades extraclasse, conselhos de classe, ministrar aulas, eventos da escola, mas não temos um período destinado a trocas com os colegas sobre como estamos efetivamente impactando a vida e o desenvolvimento dos alunos a partir da nossa prática docente.

Nesse programa são oportunizadas várias situações em que podemos dialogar sobre o cotidiano escolar, além de estudos e análises das metodologias utilizadas nos projetos, bem como sua aplicabilidade. Nossos encontros e reflexões ocorrem na escola toda semana após o horário das aulas, mas também durante as reuniões com o grande grupo que faz parte do núcleo interculturalidade e inclusão, juntamente com as outras supervisoras e a coordenação.

Além desses momentos, no contexto escolar existem inúmeras possibilidades que despertam o interesse dos participantes com base nas relações humanas que estão presentes durante as intervenções como resolução de conflitos, o respeito às características de alunos



neuro divergentes e o comprometimento com a aprendizagem de todos de forma igualitária, bem como aprender a ouvir e valorizar as dificuldades apresentadas pelos alunos durante as atividades propostas, que são abordadas simultaneamente ao processo de ensino aprendizagem. Nosso papel enquanto educadores é de extrema responsabilidade e cabe a nós buscarmos esses momentos de reflexão sobre nossas práticas pedagógicas para que a construção do saber tenha real significado para o aluno e seja efetiva na construção do conhecimento, assim como para nós enquanto docentes comprometidos com uma educação física de qualidade nas escolas.

A contribuição da Educação Física para o currículo de uma escola de Educação Especial

Esta edição do PIBID/UFRGS (2024-2026) tem sido uma importante oportunidade dos/as acadêmicos/as vivenciarem a experiência do trabalho com a Educação Física escolar em uma escola de Educação Especial. A Escola Estadual Renascença, localizada no município de Porto Alegre, atende estudantes com Deficiência Intelectual e outras deficiências como Síndrome de Down, TOD, TEA e paralisia cerebral. A Educação Física, como componente curricular, foi inserida no currículo dos Anos Iniciais das escolas de Educação Especial no estado do Rio Grande do Sul, a partir do ano de 2024, com a “seriação” realizada pela SEDUC (Secretaria de Educação do Estado). Em 2025 iniciou-se a parceria desta escola com o Curso de Licenciatura em Educação Física/UFRGS através do PIBID, onde os/as acadêmicos/as tiveram a oportunidade de conhecer esta modalidade de ensino e as especificidades do trabalho com este público.

Em consonância com o projeto político pedagógico (PPP) da escola, e sendo objetivo desta instituição “buscar através da pesquisa na comunidade escolar possibilidades de rever sua prática e seu desempenho, usando como instrumento uma reflexão em todos os segmentos.”, salienta-se a importância da parceria estabelecida com o PIBID/UFRGS. O programa representa um importante espaço de formação inicial para os/as licenciandos/as e continuada para nós docentes/supervisoras que, através de reuniões de estudos, planejamento e em constante diálogo com a formação de professores/as, temos a oportunidade de repensar, atualizar e qualificar nossas práticas pedagógicas. Conforme Freire (1996) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou a de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” Nesse intuito, a reflexão coletiva acerca das práticas pedagógicas realizadas nas escolas públicas corrobora com a construção de um projeto de uma educação pública de qualidade, democrática, inclusiva e socialmente referenciada.



Salienta-se que a interação dos educandos com os bolsistas, a partir do diálogo e vínculo estabelecidos, é fundamental para o desenvolvimento das atividades e a construção do processo de ensino-aprendizagem. Compreendendo a Educação Física enquanto cultura corporal, conforme o Coletivo de Autores (1992), um princípio curricular para a seleção dos conteúdos de ensino é o de "adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno". Ou seja, "adequar o conteúdo à capacidade cognitiva e à prática social do aluno, ao seu próprio conhecimento e às suas possibilidades enquanto sujeito histórico". Sendo assim, o currículo é adaptado com atividades que partem da realidade vivida pelos/as estudantes relacionadas às práticas corporais presentes nos seus cotidianos. Considerando que os estudantes têm deficiência intelectual, as habilidades selecionadas são desenvolvidas ao longo do ano de forma contínua e não somente em períodos específicos de aula, sendo adaptadas para a realidade de uma escola especial.

Além disso, nesta perspectiva é papel da Educação Física escolar ampliar a cultura corporal dos/as estudantes e, portanto, garantir o acesso de todos aos conhecimentos e práticas corporais trazendo novas experiências de acordo com as possibilidades dos educandos. Nesse sentido diversos temas foram desenvolvidos durante as aulas e no decorrer do projeto, como dança, esportes, ginástica, jogos e brincadeiras populares, africanas e indígenas, compreendendo a Educação Física como cultura corporal e o papel da escola de oportunizar a vivência e reflexão acerca de diferentes práticas corporais.

É importante salientar as adaptações feitas pela escola para criar um ambiente inclusivo de acordo com as necessidades dos/as estudantes. Turmas pequenas com poucos alunos, professoras especializadas, monitores para auxílio dentro e fora de sala de aula, salas climatizadas, elevador para cadeirantes, horários flexíveis e currículo adaptado, são organizações importantes que garantem a acessibilidade a um espaço adequado e acolhedor.

Percebe-se a necessidade de construir, em diálogo com os cursos de formação de professores/as, uma proposta de currículo para a Educação Física escolar que represente a diversidade das manifestações da cultura corporal em nosso país. O estudo e pesquisa acerca dos temas de interculturalidade e inclusão tem muito a contribuir com a transformação desta realidade, assim como para pensarmos práticas pedagógicas inclusivas no ensino regular.

Esta prática de reflexão-ação-reflexão é essencial para garantirmos uma organização pedagógica condizente com os desafios da docência na atualidade e com as especificidades do trabalho nas diferentes modalidades de ensino que a Educação Física está inserida. Para isso, durante esta edição do PIBID, foram realizadas reuniões de estudos e planejamento, leituras de artigos e documentos que embasam as nossas práticas pedagógicas, assim como,



discussões acerca das vivências na escola. A partir disso e considerando as observações realizadas, os bolsistas construíram seus planejamentos e intervenções de acordo com o plano de estudos, os PDIs (plano de desenvolvimento individual) dos educandos e o planejamento das aulas da professora supervisora. Durante a execução do projeto percebeu-se uma grande motivação e envolvimento dos acadêmicos que trouxeram atividades diversificadas gerando uma ótima aceitação de todos/as estudantes e turmas que participaram com entusiasmo das propostas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de trazer as narrativas e as experiências das supervisoras do PIBID/UFRGS, do Núcleo Educação Física, pertencentes ao Edital CAPES 10/2024, marcando uma perspectiva de análise do processo formativo que essa experiência tem proporcionado a cada uma, no tocante à temática Inclusão e Interculturalidade. Na análise de sua experiência como ponto de aprofundar os conhecimentos que foram sendo vivenciados e construídos no percurso, as docentes abordaram a possibilidade de troca do coletivo, a perspectiva de uma educação inovadora e equitativa e a prática pedagógica na educação especial.

Em síntese, a experiência do PIBID evidencia-se como um potente dispositivo formativo que tensiona e reinventa tanto a formação inicial de estudantes quanto a formação continuada de professoras supervisoras, sobretudo quando ancorada na interlocução viva entre universidade e escola pública. Essa articulação ganha densidade ao incorporar temas como a interculturalidade, em consonância com as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que convocam a educação brasileira a reconhecer, valorizar e problematizar as matrizes afro-brasileiras e indígenas no currículo. Ao mesmo tempo, o recente Decreto-Lei nº 12.686, de 20 de outubro de 2025, ao instituir a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva, reforça práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e o direito à aprendizagem de todos/as. Nessa direção, junto a Chicon (2025), pensamos que a inclusão nas aulas de Educação Física se relaciona, de modo significativo, a aspectos atitudinais e procedimentais, o que desloca o foco de adaptações meramente técnicas para uma ética do cuidado, do acolhimento e do reconhecimento das diferenças.

Assim, ao dialogar com perspectivas como a filosofia do Bem Viver (Bins, Dahlke e Abreu, 2024) e a filosofia Ubuntu (Bins, 2014), abre-se a possibilidade de constituir uma



prática pedagógica comprometida com o coletivo e a dignidade humana para uma Educação Física outra, como nos ensina Oliveira e Silva (2022). Trata-se de afirmar uma docência que não apenas inclui, mas que se constitui com o outro, reconhecendo as diferenças como potência e condição de produção de conhecimento. Nesse movimento, o PIBID se consolida como espaço privilegiado de experimentação, reflexão e transformação, contribuindo para a formação de professoras/es capazes de produzir práticas educativas mais justas, plurais e comprometidas com os desafios contemporâneos da escola pública brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL.PIBID - **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. In: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>, 2024. acesso 03/04/2026.

BRASIL. **Decreto 12.686 de 20 de outubro de 2025**. Institui a política nacional de educação especial inclusiva e a rede nacional de educação especial inclusiva. Presidência da República. Brasil, 2025.

BINS, Gabriela Nobre. **Mojuodara: a educação física e as relações étnico-raciais na rede municipal de ensino de Porto Alegre**. 2014. 189f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2014.

BINS, G. N.; DAHLKE, A. P.; ABREU, D. do S. NOS CAMINHOS DO BEM VIVER: Jogos e Práticas Corporais Indígenas na Educação Básica. **Revista Pedagógica**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. e7939, 2024. DOI: 10.22196/rp.v26i1.7939. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7939>. Acesso em: 3 abr. 2026.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (orgs). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHICON, Francisco. Prefácio. In: FONSECA, M. P. S.; SILVA, S. O.; SANTOS, M. L. M. (org.). **Possibilidades de diversificação de conteúdos na perspectiva inclusiva: um diálogo com os marcadores sociais da diferença na Educação Física escolar**. 1. ed. Araucária, PR: Editora Sorian, 2025.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor).



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**. O que é? Por que? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

NGOMANE, Mungi. **Ubuntu todos os dias: eu sou porque nós somos**. 3. Ed. Rio de Janeiro: bestseller, 2024.

OLIVEIRA E SILVA, Rita de C. Por uma Educação Física Outra: discussões a partir da decolonialidade. In: CARVALHO, R. M. A.; PALMA, A.; CAVALCANTI, A. S. S. (Org.). **Educação física, soberania popular, ciência e vida**. Niterói: Intertexto, 2022.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na Educação Física escolar. Fortaleza: Aliás, 2021.

TAVARES, Natacha da S. et al. Ensaio interculturais na Educação Física escolar. **Educação**, Santa Maria, v. 50, e48/1-28, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/88969>. Acesso em:

WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, Re-existir e Re-viver. In: CANDAU, V. M. **Educação Intercultural na América Latina: entre tensões, concepções e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

[1] Doutora em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS. Professora da SMED/POA -RS, ganobre@hotmail.com;

[2] Graduada em Educação Física. Especialista em Educação Física escolar e Educação Especial e Inclusiva. Professora na SMED/POA e SEDUC/RS. giane.s.lara@gmail.com;

[3] Graduada em Educação Física pela UFRGS. Especialista em Educação Física Escolar e em Educação Especial Inclusiva. Professora na SEDUC/RS. E-mail rita.longhi@outlook.com

[4] Doutora e Mestre em Educação. Professora no Curso de Educação Física da UFRGS e professora permanente no PPGEDU/UFRGS. E-mail: robeltmont@yahoo.com.br

[5] As escolas Municipais de Porto Alegre, desde 2022, tem o programa Espaço Educativo Afro-brasileiro e Indígena que conta com pelo menos uma professora referência que fomenta e supervisiona o trabalho com ERER na escola. Em 2026 os EEABIs se tornam lei municipal, lei 14.460 de 8 de janeiro de 2026.

